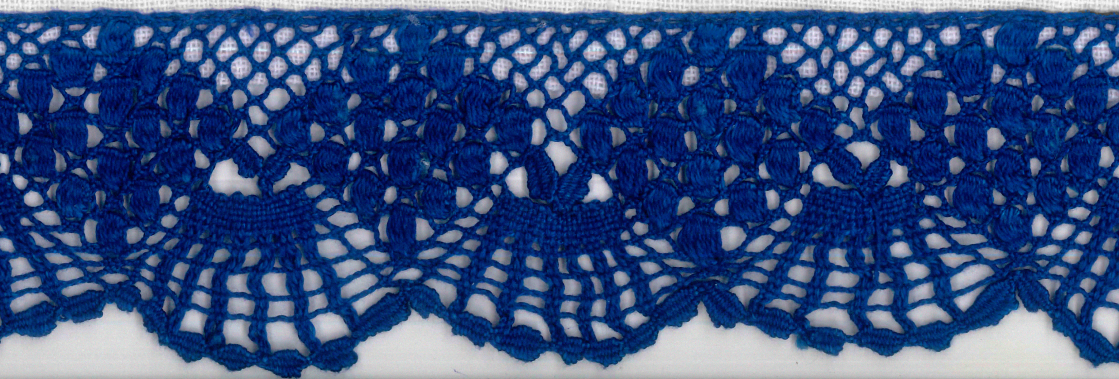
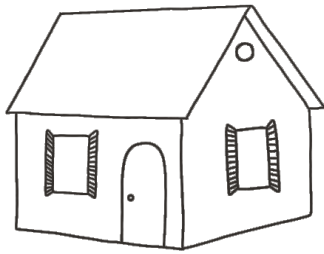


*Do Lar*  
*a mulher e a casa*





JÚLIA ZIBETTI MATUELLA VEIGA

Trabalho de Conclusão de Curso  
Orientadora Roberta Krahe Edelweiss

2023



Para minhas avós Zuile e Halice (em memória), por todo o carinho.  
Por serem doçura mas também resistência.

Para minha tia Solange (em memória), por ser minha referência feminina desde que me lembro. Me via em ti menina e hoje te vejo em mim mulher.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as mulheres que me tornaram quem eu sou e fizeram com que eu chegasse até aqui.

À mim mesma, por me manter firme até o fim, mesmo por muitas vezes tendo pensado em desistir. Valeu à pena.

Ao meu amigo Julinho, sem o qual este projeto nunca teria saído do papel. Agradeço pela vida ter te tornado meu irmão.

À minha mãe Cláudia pelo amor incondicional. Obrigada por ser meu anjinho da guarda. Ao meu pai Jânas por me criar sem medo do mundo. Obrigada por me ensinarem o valor das coisas pequenas e a curtir a vida. Eu amo vocês mais do que tudo.

À minha irmã Clara. Eu não seria nada sem você. Obrigada por ser minha grande companheira de vida. Eu e você para sempre.

Ao meu irmão Pedro, que posso dizer que troquei as fraldas e hoje tenho orgulho do homem que se tornou.

Às minhas amigas Anna Flávia, Carol e Débora, por ser apoio, colo e riso.

À família que eu amo. Tia Sônia, obrigada por ser minha segunda mãe. Ao Marcello e Thiago, ídolos de infância. Ao tio Galdino por todo o suporte.

Às amigas da Prefeitura de Florianópolis, obrigada por fazerem do trabalho um momento bom do meu dia. Ana, não tenho palavras para agradecer por tudo que você fez por mim. À Laura, Mari, Vanessa, Nicole, Duda, Nathi, Thayse, Helô e Peg, pelas conversas entre cafézinhos.

À Kelly pela ajuda aos 45 do segundo tempo. À Ana e Brenda, juntamente ao grupo Mittos do Morro do Mocotó, por toda receptividade.

À Ana Clara pelas dicas, coragem e pioneirismo no curso com seu documentário. Ao Tui pela ajuda direto da cena musical.

À minha orientadora, professora Roberta, pela calma, sensibilidade e por confiar no meu trabalho.

Às professoras Maíra e Soraya e à Jéssica, participantes da pré-banca e banca final deste trabalho, por toda ajuda e tempo dedicados, além do carinho e palavras de inspiração.

À Universidade Federal de Santa Catarina pelo ensino de excelência e por me tornar quem eu sou hoje. Sempre defenderei o ensino público gratuito e guardarei essa época com muito carinho.

E finalmente o meu muito obrigada às mulheres sem as quais esse trabalho não teria sido possível. Lara, Sônia, Lenara, Viviane, Nera e Jaque: vocês estão no meu coração.



## SUMÁRIO

1. OBJETIVO.....	12
2. MOTIVAÇÃO.....	14
3. METODOLOGIA.....	16
4. AS MULHERES.....	20
5. ACESSO AOS MATERIAIS DO DOCUMENTÁRIO.....	46
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
6. REFERÊNCIAS.....	50
7. ANEXOS.....	54

## OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivo expor a relação entre gênero e a unidade da casa, trazendo a mulher como protagonista de uma estrutura secular que até hoje a vincula ao ambiente doméstico.

A desigualdade entre gêneros escancara brutalmente hierarquias de poder referentes à arquitetura do espaço, basta observar por exemplo que o espaço público - valorizado, agradável, comunitário - é historicamente destinado ao homem, enquanto o espaço privado e doméstico - velado, invisibilizado, solitário - sobra às mulheres. Entretanto, é nesse mesmo contexto que mulheres também desenvolvem relações carregadas de significado com os lugares que habitam, criando vínculos com seus lares que remetem a memórias e sentimentos que vão além do ambiente físico.

É nesse cenário que estrutura-se o propósito central do trabalho. Trazendo um recorte de mulheres residentes em Florianópolis - SC, buscou-se reunir diferentes relatos acerca de seus lares e com isso, sob o formato de documentário, apresentar a dualidade do significado da casa na construção do arquétipo da mulher. Além disso, pretende-se instigar a reflexão acerca da necessidade de um novo pensar na produção de arquitetura como instrumento de mudança social, a fim de que velhos padrões de desigualdade de gênero não sejam repetidos e mulheres possam continuar criando histórias e laços com os espaços que habitam.

## MOTIVAÇÃO

Desde que me recordo, sempre senti uma grande inquietação pela simples condição de ser mulher. O fato de um detalhe como o gênero ser capaz de me colocar no mundo já carregada de desvantagens e imposições me fazia refletir já muito pequena sobre a desigualdade sem justificativas entre eu, minha irmã, minha mãe, minhas avós, minhas amigas e os que nasciam simplesmente homens. E isso me causava um descontentamento enorme. Às vezes fúria.

Hoje olho para trás e ainda sinto toda a dor e a dificuldade, mas também consigo enxergar com afeto minha trajetória e quem me tornei até aqui. Quero olhar pra frente e fazer com que todas ao meu redor olhem também, juntas.

E não poderia ser diferente nessa fase tão importante da minha vida: chego ao fim da graduação com todos os caminhos convergindo para concluí-la com um trabalho que represente em sua essência a sensação de conseguirmos chegar até aqui.

Escolheria mil vezes nascer mulher de novo.

“Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo.”

Angela Davis



## METODOLOGIA

Desde o primeiro momento em que se pensou sobre a ideia geral e objetivos que norteariam a produção deste trabalho de conclusão de curso, já se tinha a certeza de que o método escolhido para apresentação dos resultados seria no formato de documentário. O intuito da escolha visa democratizar o acesso à informação coletada, tornando possível que o trabalho avance com mais facilidade para o campo além da Academia, a começar, por exemplo, em seu retorno às próprias mulheres que o conceberam. Além disso, o formato audiovisual também permite trazer da maneira mais verossímil à realidade as narrativas femininas, visto que são as próprias mulheres que contam suas histórias.

Como produto final definiu-se então pelo documentário, com uma apresentação de aproximadamente 30 minutos. Junto a ele também este conciso caderno de apoio, trazendo informações que não cabiam ao formato de vídeo e que visam explicar e embasar o mesmo.

Com o objetivo de reunir relatos em primeira pessoa de mulheres acerca de suas relações com seus respectivos lares, optou-se por uma pesquisa de caráter exploratório baseada em entrevista semi-estruturada pautada na revisão bibliográfica [ver Anexo A] aplicada a mulheres residentes em Florianópolis - SC. O grupo de estudo tinha como único fator limitante o gênero.

A escolha do recorte de estudo foi feita após conversas informais com diversas mulheres ao longo do semestre, que contavam suas histórias de vida e iam dando corpo ao projeto. As entrevistadas foram escolhidas com base no critério de maior facilidade de acesso, sendo algumas já conhecidas (relações de amizade anteriores) e outras indicadas por terceiros, inclusive, pelo serviço social do município de Florianópolis. Após análise de todas as histórias, 6 mulheres foram selecionadas para composição do documentário. A escolha das entrevistadas foi feita de maneira a proporcionar uma gama de diferentes experiências de vida, histórias e relatos sobre a unidade da casa, visando também compor um recorte diversificado de classe e raça. Foram assim realizadas entrevistas fazendo o uso de gravação em vídeo mediante autorização prévia do uso de imagem e voz por estas mulheres [ver Anexo B].

As entrevistas foram feitas em sua maioria nos ambientes em que as mulheres residiam, permitindo com que fossem coletadas informações extras e detalhes únicos a cada uma. Algumas foram feitas no ambiente de trabalho e também trouxeram outra perspectiva acerca do tema. Em geral, todas duraram de 30 a 60 minutos e foram conduzidas na forma de bate-papo, vindo a ter a ordem do roteiro modificada ou até acrescida de outros temas. Cada mulher respondeu àquilo que se sentia confortável, podendo negar o que não gostaria de ser questionada.

Ao fim das gravações, iniciou-se o processo de edição, a partir do qual todas as etapas anteriores encontrariam seu fechamento. O documentário é montado com sequência de cortes em um único plano, mesclando relatos de todas as mulheres entrevistadas a partir da junção por temas. Com isso, busca-se apresentar diferentes pontos de vista e experiências acerca de assuntos iguais, incitando no telespectador a visão crítica sobre o conteúdo. Aqui o objetivo da edição é justamente suscitar o pensamento acerca do tema, sem a necessidade de narração.

Além do documentário também criou-se um pequeno trailer de chamada que visa apresentar rapidamente o documentário antes da apresentação do mesmo na banca final deste TCC.

AS MULHERES

JAQUELINE DA ROSA  
LARA CORDEIRO  
LENARA DE SOUZA RAUPP  
NERA BRITO DA SILVA  
SÔNIA MARIA DE CAMPOS  
VIVIANE HAUBERT





JAQUELINE

57 ANOS  
PROFESSORA E COZINHEIRA VOLUNTÁRIA

Jaqueline se identifica como Jaque e é “manézinha da ilha, como diz a moda”. Tem 57 anos, trabalha fora e diz que “o que precisar fazer, faz: desde capinar um terreno a carregar tijolos”. Hoje mora com a irmã, o sobrinho e a namorada do sobrinho em uma casa onde as tarefas domésticas são divididas entre todos e que isso não é visto como algo ruim para ela. Gosta de fazer as tarefas de casa, principalmente na horta e no jardim.

Viveu a infância em uma casa junto com sua mãe e irmãs, totalizando seis mulheres. Dividia o quarto com mais três irmãs e na época em que elas começaram a namorar, dormir na casa das amigas virou algo comum para Jaqueline, que era a caçula da família. Ela e as irmãs sempre tiveram uma relação muito boa, que perdura até hoje, com visitas e encontros bastante frequentes. Na casa onde morava quando criança, conta que o pé de pitanga era seu local favorito. Ficar lá em cima comendo pitanga, olhando para o céu e para o que acontecia lá embaixo era seu momento de paz.

Jaque traz em suas falas um carinho muito grande pela família e amigos. Hoje diz que curte a vida e que gosta de sair, especialmente, com os amigos e família. Conta saudosa sobre a vizinhança e amigos de infância que perduram até hoje. Empinar pipa, jogar peão, bolinha de gude, brincar de esconde-esconde e pega-pega era o que a fazia feliz, em casa ou na rua.

Atualmente, trabalha também em um projeto social que considera sua segunda casa. Trabalhou muitos anos em uma creche e considera as crianças que cuidou como seus filhos, sendo ela também tratada por eles como mãe. Nunca se sentiu pressionada a ter filhos e sempre fez questão de deixar isso bem claro, diz que “não nasceu para parir e que hoje, seus filhos são os filhos dos outros”.

Para Jaque, o lar está diretamente atrelado à família. Em suas palavras: “O lar é tudo, família é tudo. Se não existir uma família que conviva em harmonia, o lar perde o sentido”.





LARA

40 ANOS  
MORADORA EM SITUAÇÃO DE RUA



Lara Cordeiro nasceu e cresceu em Joaçaba. Morou em Blumenau, Caxias do Sul, Cárceres, no Mato Grosso e atualmente mora em Florianópolis.

A primeira casa em que morou, em Joaçaba, foi perdida em um deslizamento de terra após uma enxurrada. Seu pai teve tempo apenas de tirar Lara, sua irmã e seu irmão de casa antes de verem a mesma caindo morro abaixo. Depois do episódio, a família foi morar em um campo, com um grupo de ciganos. Foi ali que Lara teve o primeiro contato com o habitar sem uma edificação propriamente dita, mas relembra da época com carinho, afirmando ter ouvido boas histórias dos ciganos.

Depois de oito anos trabalhando duro para reconquistar uma moradia, seu pai conseguiu construir uma casa em Joaçaba, na qual Lara tinha um quarto só para ela. Cheio de pôsteres e fotos de atores que adorava, o quarto de Lara era seu maior xodó, onde ninguém entrava sem sua permissão, seu cantinho preferido na casa.

Hoje, Lara não tem um local fixo de pouso. Atualmente vive no centro da cidade e, apesar de ter uma casa, diz encontrar na rua uma rede de apoio e vivências que são sua prioridade. Por mais que goste de viver na rua, Lara evidencia a violência sofrida pelas pessoas que ali vivem, como se, por morarem na rua, não fossem indivíduos, mas sim uma extensão da cidade e do público, inexistindo o desejo individual e a privacidade. Relata que já foi gravemente violentada por pessoas sem motivo e que três de seus filhos foram tirados de sua guarda.

Lar, para Lara, é tudo aquilo que seus pais batalharam para dar aos filhos: a educação; a alegria ao dar um presente que algum filho queria muito; o amor sentido nos momentos em família. Para ela, o sentimento de lar está muito ligado à infância, às lembranças felizes que foram construídas nesses momentos e às belezas do mundo, seja na natureza ou no sorriso de alguém que passa alegre por ela.





LENARA

73 ANOS  
PROFESSORA APOSENTADA



Lenara, 73 anos, nasceu em Araranguá, cresceu em Criciúma e atualmente vive em Florianópolis. Foi casada, se tornou mãe de duas filhas e avó de duas netas. Estudou Letras na Universidade Federal de Santa Catarina e é aposentada como professora estadual.

Durante sua infância em Criciúma, Lenara morou em 3 casas diferentes, todas situadas na mesma rua. Conta que a primeira era de madeira, a segunda possuía escadaria e porão e a terceira também fora construída em madeira.

Juntamente com sua família, morou também em um sobrado atrás de seu colégio. Lenara conta que o sobrado tinha uma pequena sacada onde ela podia observar toda a movimentação da escola. Ela se recorda vividamente do local, que contava com uma loja no térreo e uma escadaria externa de cimento, que dava acesso à sua casa no andar superior. Enquanto relata sua história, ela diz que é do tempo em que as meninas faziam os serviços domésticos, como fazer faxina, lavar louça e servir as visitas, enquanto em contrapartida seus irmãos ficavam isentos desses serviços (tidos como femininos) a fim de que não perdessem sua masculinidade.

A próxima casa que Lenara morou era maior. Levou um tempo para ser construída por seu pai, mas quando finalizada trouxe muita felicidade. Os ambientes eram grandes, incluindo a sala, a área dos fundos e a garagem, na qual faziam festas. A entrada lateral era composta de lajotas e a calçada externa tinha piso de Caquinhos. Foi a primeira vez que Lenara pôde ter o seu próprio quarto, que antes era dividido com seu irmão.

Anos depois, Lenara se casou e, junto com seu marido, morou próxima de sua mãe numa “casinha alugada”. Mais tarde, compraram um imóvel perto do aeroporto, em Criciúma. A nova residência tinha um pátio frontal, um quarto para o casal e outro para as filhas, banheiro e muitas áreas verdes.

Lenara sempre morou em casas até se mudar para um apartamento em Florianópolis. Hoje, divorciada, mora nesse mesmo apartamento, comprado por seus pais ainda em vida, junto de sua filha e duas netas. Ela entende esse imóvel como uma herança futura para suas descendentes. Ao descrever a região onde mora, Lenara comenta que ali existem poucas áreas verdes e, triste, associa essa questão ao progresso. A presença da Praça XV na proximidade a deixa contente, justamente por sua vegetação. Ao longo do ano também costuma ficar no apartamento de praia que sua filha comprou. Durante o verão, o mesmo imóvel é alugado para turistas. Ficar nesse apartamento faz com que ela se sinta mais próxima de uma casa, graças à varanda e às áreas verdes do condomínio.

Em sua vida cotidiana, sempre fez faxina e gosta dessa atividade. Sua filha costuma ajudá-la também. Gosta muito de sair e mesmo durante a pandemia buscou algumas alternativas, como ir ao mercado ou passear com seus cachorros. Hoje em dia, frequenta a academia e se encontra com os amigos em cafés pela cidade. Lenara também gosta de ficar sozinha em casa, talvez por nunca ter ficado sozinha antes, e sempre busca atividades para fazer.

Se considera mãe e avó com muito orgulho e afirma ser muito gratificante cuidar de suas netas. No entanto, agora que estão crescidas, Lenara ganhou mais tempo para si mesma e consegue aproveitar passeando pela praia, descansando, cuidando dos cachorros, entrando em contato com o sol, a areia e o mar. Quando está sozinha adora assistir doramas (novelas coreanas) e fazer comida caseira, especialmente para compartilhar com outras pessoas. Se sente bem e feliz sendo útil.

Quando questionada sobre o significado de “lar”, Lenara afirma que para ela, lar é a dedicação aos filhos e à sua educação, através do exemplo. É também a busca pela união entre a família, criando um ambiente onde as pessoas possam se sentir à vontade, sem precisarem se conter, mas sempre mantendo o respeito.



NERA

79 ANOS  
COZINHEIRA VOLUNTÁRIA E FAXINEIRA



Nascida em Tubarão, Nera é uma senhora aposentada e há 32 anos trabalha na cozinha para o Grupo Mittos, um projeto social que atua no Morro do Mocotó, no centro de Florianópolis. Além disso, também realiza serviços de faxina quando as oportunidades aparecem. É uma mulher viúva, mãe de quatro filhos e mora sozinha no morro em que trabalha.

Seu pai era sargento da Polícia e sua mãe adoeceu e faleceu há alguns anos, na Colônia Santana, em São José. Nera é a filha mais velha e foi entregue para morar com sua tia em Florianópolis quando ainda tinha um ano de vida. As duas também moraram juntas em Curitiba e São Paulo. Teve uma infância bem rígida, sem muitas informações sobre sua família, e só pôde conhecer seus irmãos depois de muitos anos.

Em seu relato, Nera comenta sobre a vida “atrapalhada” que tinha quando vivia de aluguel. Depois de alguns anos, construiu uma casa própria, na qual vive atualmente. A casa é constituída de “bom material” e conta com dois quartos, sala, cozinha, banheiro e quintal. Considera tranquila a experiência de morar no Morro, mesmo que alguns problemas eventualmente aconteçam, sem no entanto afetá-la. Em sua moradia, se sente mais confortável na cozinha e em seu quarto, junto à televisão e à sua cama.

Quando se trata de seus hobbies, ganham destaque o seu gosto por dormir, passear na praça e sair para tomar cerveja em barzinhos. Aprecia também o hábito de morar sozinha, já que, segundo suas paçavras, “tudo fica do jeito que quer”. Nera acrescenta que quando está sozinha e se sente triste, procura ir para a casa dos vizinhos, para a sede do projeto onde trabalha ou para a casa da filha. Aos domingos, trabalha com sua irmã num clube no bairro do Estreito.

Criou seus filhos de forma semelhante, sem distinção entre gêneros, mas admite que eles não a ajudam tanto nos afazeres domésticos. Quando questionada sobre o significado de lar, Nera responde que o lar é sua própria casa. Gosta de sua vida e a considera boa e estável, além de gostar de tudo o que faz. Em suas palavras: “A minha vida é andar porque eu não posso parar... se eu parar eu fico doente”. E ainda complementa: “eu não posso ser triste, tristeza mata e alegria não... eu sou alegre, eu sou feliz, graças a Deus”





SÔNIA MARIA

66 ANOS  
FUNCIONÁRIA PÚBLICA APOSENTADA



Nascida em Joaçaba, Sônia é uma senhora de 66 anos, ex-funcionária pública e apaixonada por sua profissão. Casada e mãe de dois filhos, sempre conciliou o trabalho fora de casa e os afazeres domésticos.

Quando criança, morava em “uma casa linda e majestosa”. Dividia o espaço com seus pais e avós, além de conviver com seus outros avós, moradores de uma “casinha mais humilde”, próxima dali. Apesar de não residir mais no local, a casa ainda permanece em pé, sendo fonte de boas lembranças e sentimentos.

Sônia cresceu e mudou-se para Cascavel, na ocasião morando apenas com os pais e irmãos. Ao descrever esse período, também se recorda com carinho, apesar de a situação econômica da família ter ficado mais difícil. Decidiram então voltar para Joaçaba e construir uma casa, ao lado da residência de sua avó. Ali podiam se reunir com toda a família numa grande mesa, posicionada no pátio. Seus familiares declamavam poesias embaixo de um lindo ipê amarelo.

Depois que se casou, Sônia se mudou para Florianópolis, cidade em que permanece até hoje. Apesar de seu amor pela cidade e pela presença de sua irmã por perto, seu coração ficou apertado por deixar a família.

Durante a conversa, Sônia lembra de si mesma como uma criança brincalhona, livre e independente. Costumava assumir as tarefas de casa mesmo que ninguém a pedisse, diferente de sua irmã, Solange, que sempre fugia desse tipo de serviço. Gostava (e ainda gosta) de tudo muito bem organizado e recorda do incômodo que sentia quando seu pai, uma figura por vezes autoritária, bagunçava ou quebrava os objetos que estavam até então arrumados. Durante sua adolescência, Sônia adorava passar o tempo em seu quarto. Diversos pôsteres de artistas famosos cobriam sua parede. Mesmo dividindo o ambiente com a irmã, diz que o quarto “era o seu mundo”. Naquela época, também tinha o hábito de receber os amigos em casa, com comidas, bebidas e conversas.

Nos últimos anos, inspirada por seu gosto pela organização, fez cursos de decoração e passou a se dedicar às plantas e enfeites. Como forma de prazer, gosta de reunir a família, os amigos, fazer experiências na cozinha e ficar na sala de TV assistindo séries, documentários e notícias. O período da pandemia de Covid a fez enxergar sua moradia com outros olhos: se antes preferia estar sempre saindo, com a pandemia aprendeu a valorizar os momentos que passava em casa, cuidando de suas plantas. Antes vista como uma “prisão”, sua casa é atualmente o seu porto seguro.

O carinho que sente por sua casa não a impede de experimentar contradições sobre seu próprio espaço. O maior exemplo é a cozinha: mesmo que às vezes se divirta preparando refeições, sente-se desgastada por estar sempre cozinhando. Também não se identifica com os serviços de limpeza e faxina e só os faz porque se vê obrigada. A repetição, a rotina e a sensação de subserviência a incomodam, principalmente porque sua família não contribui tanto nas tarefas quanto gostaria. Em certo momento se questiona por que ela, enquanto mulher, deve assumir todas as rédeas da casa enquanto outras pessoas podem simplesmente descansar. Ela destaca também a necessidade de ficar sozinha em casa em alguns momentos. Além disso, tem priorizado muito mais sua liberdade e independência, procurando passear, viajar e fazer atividades que gosta, no momento em que ela desejar.

Na sua perspectiva, uma casa deve ter jardins e plantas e seu ideal de moradia é basicamente o que ela conquistou hoje. No que se refere ao lar, diz: “Lar não é uma casa, casa é uma coisa e lar é outra”. Para Sônia, lar é a união de todos em prol da casa, de uma boa convivência, cooperação, amor e respeito.



VIVIANE

60 ANOS  
PROFESSORA



Viviane (Vivi, para os amigos) é gaúcha e tem um apego muito grande por sua casa. Aos 60 anos, depois de ter morado em mais de 20 lugares diferentes, afirma que sua casa é o seu templo.

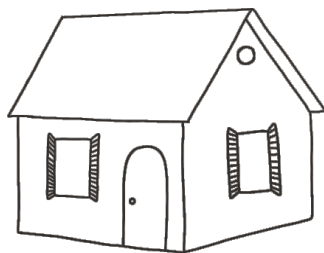
Lembra de ter feito sua primeira faxina ainda pequena, aos 7 anos de idade, e que a partir daí passou a ser chamada de “Rainha do Lar” por suas tias. Na época, conta que receber esse título “foi o máximo”, pois ratificava o trabalho bem feito das tarefas domésticas e a fazia acreditar que ela era uma “mulher ideal”. Hoje, depois de ter vivido e entender o mundo como é, percebe como o machismo permeou seu prazer em deixar a casa “brilhando”.

Por mais que tenha tido consciência muito cedo que fora criada “da maneira errada”, acredita que tentou não repetir, mas que infelizmente acabou replicando muitas das atitudes de seu pai quando educou seus filhos, afirmando que acabava sendo mais permissiva com seu filho do que sua filha.

Sua casa atual fica na Lagoa da Conceição, bairro de Florianópolis, e é carinhosamente chamada por Vivi de “Casa da Montanha”. Para ela, sua casa “é tudo”, carregada de mágica e importância. Integrada à natureza, a Casa da Montanha também traz uma fonte extra de renda, já que um de seus quartos é alugado para hóspedes do mundo todo. Por ser seu templo, Viviane se orgulha de cuidar e preservar a casa, prestando muita atenção às necessidades e exigências da mesma.

Trabalhando hoje em período integral como professora, Vivi passa o dia na escola onde leciona e a considera sua segunda casa e, por sempre ter curtido o conceito de casa, leva seu emprego de uma maneira muito leve. Segundo suas próprias palavras, “A casa é meu bem-estar”.

Um documentário de Júlia Zibetti  
Florianópolis, 2023.



DO LAR  
a mulher e a casa

Com participação de:  
JAQUELINE DA ROSA  
LARA CORDEIRO  
LENARA DE SOUZA RAUPP  
NERA BRITO DA SILVA  
SÔNIA MARIA DE CAMPOS  
VIVIANE HAUBERT

Roteiro, direção, produção, montagem e edição:  
JÚLIA ZIBETTI

Apoio:  
JULIO GUBERT



[linktr.ee/dolardoc](https://linktr.ee/dolardoc)

Aponte a câmera de seu celular para o QR Code  
acima e acesse os materiais do documentário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a trajetória da busca por estudar o processo histórico de submissão da mulher ao ambiente doméstico e a maneira como isso se desenvolveu até os dias atuais, me coloquei como ouvinte e mediadora de mulheres que, através de seus relatos sobre seus lares, trouxeram à superfície reflexões fortes e muito sensíveis acerca do espaço doméstico e conceito de “lar” na arquitetura.

Apesar do papel marcado por intensa desigualdade de gênero da mulher na unidade da casa, com o presente trabalho exploratório pôde-se vislumbrar como as mulheres parecem encontrar brechas no que lhes é imposto social e historicamente e criam memórias e simbologias em cima do espaço, mostrando como o mesmo vai muito além do âmbito físico. Nesse aspecto é possível visualizarmos a arquitetura como instrumento para que a vida aconteça e histórias carregadas de sentimentos sejam criadas. Tomemos como exemplo o significado de lar, que, conforme reiterado pelas mulheres nas entrevistas desta pesquisa, transcende o campo da construção e não está vinculado à casa como produto arquitetônico, mas sim ao significado a ela atribuído.

Por fim, vejo na conclusão deste trabalho uma oportunidade de se pensar como as dimensões simbólicas da arquitetura doméstica são impactadas pelas experiências diárias ali vividas e de entender como estas assumem diferentes contornos, cores e formas na vida das pessoas, especialmente quando estas são mulheres.

## REFERÊNCIAS

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

BOURDIEU, Pierre; **A dominação masculina**. 2a edição. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

BRITES, Jurema. Afeto e desigualdade: gênero, geração e classe entre empregadas domésticas e seus empregadores. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 29, p. 91-109, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644819>.

CARRANZA, Edite Galote. O quartinho de empregada e a tradição. **Revista 5% Arquitetura + Arte**, São Paulo, v. 4 n. 4, out./nov. 2005. Disponível em: <http://revista5.arquitetonica.com/ojs/index.php/revista5/article/view/95>

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

CORTÉS, José Miguel G.. **Políticas do espaço: arquitetura, gênero e controle social**. São Paulo: Senac, 2008.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. (capítulo final: A obsolescência das tarefas domésticas se aproxima: uma perspectiva da classe trabalhadora)

EDIFÍCIO Master. Direção de Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: VideoFilmes, 2002.

FLEURY, Ana Clara; **Arquitetos da Comunidade: Um Documentário Sobre Assessoria Técnica em Habitação de Interesse Social e o Poder Público**. 2023. TCC (Graduação) - Arquitetura- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

FRASER, Nancy; SOUSA FILHO, José Ivan Rodrigues de. Contradições entre capital e cuidado. **Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)**, Natal, v. 27, n. 53, p. 261-288, 2 jul. 2020.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira**

sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2007.

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. 1954. Disponível em: [www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger\\_construir,%20habitar,%20pensar.pdf](http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf).

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

LOPES, Lisandra Cristina. **A luta pelo reconhecimento do trabalho doméstico no Brasil**: gênero, raça, classe e colonialidade. 2021. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

MAID. Criação de Molly Smith Metzler. EUA: Warner Bros. Television, 2021. Série exibida pela Netflix.

QUE horas ela volta?. Direção de Anna Muylaert. São Paulo: Globo Filmes, 2015. (114 min.).

RUGERI, Maicon Rodrigo. **Casa branca, terra roxa**: modernidade, espaço rural, arquitetura e suas relações de gênero. 2017. 90 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Integração Latino Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978. (Coleção Sociologia Brasileira; v. 9).

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN, Alides Baptista (Org.). **Espaço, gênero e feminilidade**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2011.

VESPUCCI, Gabriel Moherdau. **Do quarto de empregada à varanda gourmet**: uma análise comparativa das plantas de apartamento em Florianópolis entre 1954 e 2008. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

VIANELLO, Mino; CARAMAZZA, Elena. **Género, espacio y poder**: para una crítica de las Ciencias Políticas. Madri: Ediciones Cátedra, 2002.

## ROTEIRO DA ENTREVISTA

### 1. Apresentação

#### 1.1. Nome e idade

[Se houver outras informações que ache relevante, adicionar.]

#### 1.2. Como se define? Qual sua ocupação?

#### 1.3. Qual a sua história de vida?

### 2. A casa

#### 2.1 Quais as casas da sua vida?

[Linha do tempo dos lugares em que morou. Descreva as casas em que morou/que marcaram sua vida. Com quem morou? Onde ficavam?]

## ANEXO A

### 3. Gênero e a casa

#### 3.1. Memórias

##### 3.1.1. Como menina, qual sua relação com a casa?

3.1.2. Sentia diferença entre a sua criação e a de irmãos homens (caso houvesse) na infância?

3.1.3. Quais lugares mais gostava na casa? Quais lugares se sentia à vontade? Havia algum lugar que não gostava?

3.1.4. Qual a relação entre sua mãe e a casa X seu pai e a casa?

3.1.5. Tinha responsabilidades na casa consideradas “de mulher” mesmo sendo criança?

3.1.6. Como era organizado o trabalho doméstico na família?

3.1.7. O que sonhava para o futuro em relação à casa e à família?



## 3.2. Hoje

3.2.1. Qual sua relação com sua casa hoje? O que mudou?

3.2.2. Qual a relação da sua família com a casa?

3.2.3. O que sua casa significa para você?

3.2.4. Descreva sua rotina.

[Em casa/no trabalho]

3.2.5. Onde passa mais tempo em casa? Onde mais gosta de ficar? Há algum lugar em que se identifica mais? Há algum lugar que não gosta?

3.2.6. Qual sua relação com as tarefas domésticas hoje? [Gosta de fazer? Não gosta? Em qual passa mais tempo fazendo? Pessoas que moram com você ajudam?]

## 4. Maternidade

4.1. Possui filhos?

4.2. Sente que reproduziu o modo como foi criada em relação às diferenças de gênero nos seus filhos?

4.3. Como os filhos atuam no cotidiano e nas tarefas domésticas?

4.4. Sente como mãe diferenças do que se é exigido em relação ao pai?

4.5. Sente pressões sociais sobre ser ou não mãe?

4.6. Qual o papel como mãe na casa?

## 5. Lar

5.1. O que é lar para você?

5.2. O lar que possui hoje é diferente do que imaginava?

5.3. Tem alguma pretensão sobre o lar que gostaria de ter? Como seria o lar ideal para você? Descrever.

5.4. [Caso more sozinha] Relação entre solidão e o lar.

## 6. Fechamento

[Palavras finais, mensagem que queira comunicar, se houver]

O roteiro das entrevistas serviu como referência para as conversas, mas manteve-se passível a mudanças de acordo com cada entrevistada.

## TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, \_\_\_\_\_, brasileira, inscrita no CPF sob o nº \_\_\_\_\_, residente em Florianópolis/SC, após conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, **AUTORIZO**, através deste termo, o uso de minha imagem, voz e depoimentos em todo e qualquer material entre imagens de vídeos, fotos, áudios e documentos para utilização no trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC da acadêmica Júlia Zibetti Matuella Veiga (CPF XXX.XXX.XXX.XX), intitulado “Do Lar”.

A presente autorização do uso do material produzido é concedida a título de gratuidade, com finalidade acadêmica, abrangendo sua divulgação em todo o território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e por prazo indeterminado.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que **AUTORIZO** o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem, voz ou a qualquer outro material produzido por mim.

Florianópolis, \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
(assinatura)



## ANEXO B

Os termos de autorização assinados foram ocultados do caderno a fim de preservar as informações pessoais das entrevistadas.

